

doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.43.122.AO08>

“É sempre o mesmo Johnny Panic, seja acordado ou adormecido”:

Sylvia Plath e os diálogos possíveis sobre o mal-estar onírico

“It's the same Johnny Panic, awake or asleep”: Sylvia Plath and the possible dialogues about dream malaise.

Shaenny Damiana Barbosa de Souza

Centro Universitário Lasalle

<https://orcid.org/0000-0002-9320-9860>

shaenny.barbosa@gmail.com

Túlio Maia Franco

Centro Universitário Lasalle

<https://orcid.org/0000-0001-8405-8522>,

Fernanda Guimarães Pougy

Centro Universitário Lasalle

<https://orcid.org/0000-0001-7313-9407>

Alynne da Silva Barbosa

Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0002-5007-1339>

Resumo

Tendo como objetivo proporcionar um diálogo da Psicanálise com a Literatura, esforço esse realizado por Freud desde o princípio de sua elaboração teórica - e que permeia por toda a sua obra, o presente estudo faz uma interlocução com o conto Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos, da poeta Sylvia Plath, o objeto ao qual se está debruçado. Como método, a revisão bibliográfica sobre a teoria dos sonhos, traçada por Freud e tendo a contribuição de Lacan, fomenta de maneira mais ampla a ótica de leitura e os conceitos analíticos trabalhados, tomando-se como delimitação problemática a questão sobre como o poeta pode continuar a ensinar os psicanalistas no mal-estar contemporâneo. Neste caso, partindo-se do conto, pergunta-se de qual maneira a narrativa de Plath nos auxilia a pensar sobre a práxis psicanalítica e a sua subversão em relação aos outros saberes. Dessa forma, um retorno freudiano foi realizado. Buscando-se refletir sobre o que é, de fato, falar sobre saúde e doença a partir da psicanálise, destacou-se como o referido campo enxerga as produções sintomáticas do sujeito, perspectiva demonstrada a partir da sua especificidade: a consideração do sujeito do inconsciente.

Palavras-chave: psicanálise; literatura; sonho; mal-estar na civilização; Sylvia Plath.

Abstract

To foster a dialogue between Psychoanalysis and Literature — an effort initiated by Freud from the inception of his theoretical elaboration and permeating throughout his work — this study engages with Sylvia Plath's short story Johnny Panic and the Bible of Dreams. As a method, the bibliographic review of dream theory, outlined by Freud and enriched by Lacan's contributions. It more broadly fosters the perspective of interpretation and the analytical concepts explored, taking as its problematic delimitation the question of how the poet can continue to teach psychoanalysts in the context of contemporary malaise. By analyzing Plath's narrative, we inquire how it assists in contemplating psychoanalytic praxis and its subversion to other forms of knowledge. Thus, a Freudian revisitation is undertaken. Reflecting on the discourse of health and illness within psychoanalysis, the study highlights how this field perceives symptomatic productions of the subject, emphasizing the specificity of considering the unconscious subject.

Keywords: psychoanalysis; literature; dream; malaise in civilization; Sylvia Plath.

Resumen

Con el objetivo de proporcionar un diálogo entre el Psicoanálisis y la Literatura, esfuerzo realizado por Freud desde el principio de su elaboración teórica - y que permea toda su obra, el presente estudio hace una interlocución con el cuento Johnny Panic y la Biblia de Sueños, de la poeta Sylvia Plath, el objeto al cual se está abocado. Como método, la revisión bibliográfica sobre la teoría de los sueños, trazada por Freud y con la contribución de Lacan, fomenta de manera más amplia la perspectiva de lectura y los conceptos analíticos trabajados, tomando como delimitación problemática la cuestión de cómo el poeta puede seguir enseñando a los psicoanalistas en el malestar contemporáneo. En este caso, partiendo del cuento, se pregunta de qué manera la narrativa de Plath nos ayuda a pensar sobre la praxis psicoanalítica y su subversión en relación con otros saberes. De esta forma, se realizó un retorno freudiano. Buscando reflexionar sobre lo que es, de hecho, hablar sobre salud y enfermedad desde el psicoanálisis, se destacó cómo dicho campo ve las producciones sintomáticas del sujeto, perspectiva demostrada a partir de su especificidad: la consideración del sujeto del inconsciente.

Palabras clave: psicoanálisis; literatura; sueño; malestar en la civilización; Sylvia Plath.

Introdução

Esse trabalho é o encontro de dois inventores que lidam com as palavras: o poeta e o psicanalista. Um encontro já estabelecido por Freud (1913/2012) outrora, ao se debruçar sobre a fruição artística, nos aponta que a origem da capacidade criativa do artista ultrapassa os limites de uma questão que a psicologia – ou qualquer outra ciência – poderia se dispor a tratar de maneira resolutiva. Dessa forma, a produção subjetiva, o trabalho ímpar do artista, surge primeiramente como uma busca de satisfação, que só posteriormente é partilhada àqueles que experienciam tal sofrimento, ocasionado pela impossibilidade da realização de determinados desejos, sendo estes reprimidos.

Para que tal trabalho assim seja concebido como uma obra de arte, é necessário que haja um processo de transformação, no qual tal material originalmente pulsional é escondido e, nas palavras de Freud (1913/2012, p.359), sublimado. A psicanálise entra em cena para evidenciar, para além dos elementos manifestos da experiência estética, a presença de um conteúdo latente, recalcado, que encontra na criação artística uma forma de expressão, de liberação pulsional.

No diálogo proposto entre a psicanálise e a literatura, partindo-se como objeto de pesquisa o conto literário de Plath, Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos, há o psicanalista que “não deveria supostamente deslocar-se do seu divã” e uma poeta, que “não deveria supostamente fazer nada além de rimas e estrofes”. Tal interlocução é transgressora por natureza, visto a psicanálise conceber-se subversiva. Pensando-se com Amaral (2024, p.11), levamos em conta a visão do psicanalista como um poeta, não se contentar com o sentido que as palavras registram formalmente no dicionário. Ele escuta, de maneira poética, a fala do outro transitando entre os significantes dos fenômenos que ilustram o sofrimento desses sujeitos. Seria possível pensar que, ao falar, o analista busca por uma forma de invenção?

Escrever, assim, é uma arte. A escrita psicanalítica necessita dessa arte vívida, de algo que a convoque e a desperte. Um texto psicanalítico deve dialogar com o seu leitor e impulsionar reflexões, engendrando simpatias e incômodos. Por isso, a poesia assume um lugar tão expressivo na nossa ciência: “desprezá-la seria a mesma coisa que se blindar perante os afetos, nossos e dos outros” (Almeida, 2024, p.21). Ser capaz de transformar os próprios conflitos em versos é algo ainda mais artístico. Tal sutileza artesanal convoca o sujeito a trabalho, em meio às mazelas da vida. Se escreve para dar voz às angústias,

dores, incertezas. Se escreve para dar voz a Johnny Panic e relatar aquilo que ele escreve em sua Bíblia de Sonhos: o que há de estranho em si mesmo e, após uma segunda leitura, já se desconhece. Escreve-se movido pela ideia de que o devir humano se entrelaça nos versos — como insiste a nos propor Almeida (2024, p. 23), talhando-se nessas entrelinhas uma aposta: cabe a nós acolher essas estrofes em sua inteireza, permitindo-se afetar por elas sem impor limites ou restrições.

Uma arte: O poeta ensina ao psicanalista

“Quando me perguntam onde trabalho, digo que sou secretária-assistente de um dos departamentos ambulatoriais da ala clínica do hospital municipal”, escreve Sylvia Plath (1958/2020, p. 20), considerando-se “secretária de ninguém menos que o próprio Johnny Panic”. Esse é um trecho do conto Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos, no qual a personagem principal percorre os relatos oníricos de cada paciente com afinco, de sonho em sonho em uma investigação imersiva, com o objetivo de tornar-se o que em suas palavras seria uma verdadeira especialista no campo — uma figura mais rara, ao seu ver, do que os próprios membros do Instituto de Psicanálise.

Objetivo

Partindo-se do referido texto, propõem-se refletir, tomando a função dos sonhos enquanto formação do inconsciente e realização de desejo, sobre como os diálogos possíveis da psicanálise com a literatura auxiliam para se pensar as questões que emergem na clínica, ato esse realizado por Sigmund Freud desde os princípios de sua elaboração teórica – e que permeia por toda a sua obra. Tal estudo é mediado pelo seguinte questionamento: Como a literatura continua a ensinar aos psicanalistas na contemporaneidade?

Resultados e Discussão

Sylvia Plath (1932-1963), nascida em Boston, no estado de Massachusetts, foi uma escritora americana, casada com o também poeta Ted Hughes, com quem teve dois filhos, Frieda e Nicholas Hughes. Produziu uma quantidade significativa de textos em prosa, sendo tal obra fundada por poemas, contos, crônicas, correspondência e um vasto diário, atraindo inúmeros leitores postumamente. Como destaca Guadalupe (2020), a

leitura dos versos de Plath expressam a sublime constituição subjetiva da autora: livre de embelezamentos poéticos, o texto se lança na sinceridade abrupta das emoções mais viscerais. Para ela, escrever era um modo de vida. E a vida, em si, como material para a escrita, uma amálgama em prosa e verso.

Carvalho (2003, p.21) ressalta que Sylvia Plath frequentemente abordou o aspecto curativo da escrita. Ela acreditava que o escritor deveria utilizar suas experiências mais dolorosas, como a loucura e o sofrimento, porém com a clareza mental necessária para dar forma a esses acontecimentos através do texto. No entanto, em um poema escrito poucos dias antes de seu falecimento, Plath expressa a ideia de que o fluxo intenso de emoções, simbolizado pelo jato de sangue, é poesia em si, algo impossível de ser contido.

Em 11 de fevereiro de 1963, após diversas tentativas de suicídio ao longo da vida, Plath asfixiou-se em sua casa, em Londres, ao colocar a cabeça no forno do fogão com o gás ligado, aos trinta anos. É tão – ou mais – conhecida hoje por seu suicídio como por seu espólio criativo. A ficção de Plath traz as marcas de sua experiência: filha de imigrantes, órfã, professora, escritora, mãe e esposa, sua vida e conflitos psíquicos foram matéria prima para sua obra. Além da ficção, tinha o hábito de escrever em diferentes formatos de diário, desde cadernos de capa dura até folhas soltas datilografadas. Começou a escrever aos onze anos e manteve a prática, como informa Kukil (2021), a prática até a ocasião de sua morte.

A coletânea com o título: *Johnny Panic and the Bible of Dreams: and other prose writings*, onde o conto aqui trabalhado se insere, foi organizada por Ted Hughes. É conhecido que Sylvia Plath renegou a publicação de diversos de seus contos, os quais foram divulgados contra sua vontade, levantando-se a questão proposta por Atwood (2020, p.13): Quem realmente se beneficia dessa publicação? Certamente não a autora. Provavelmente, os principais beneficiários são os pesquisadores e leitores dedicados — aqueles que apreciam profundamente o trabalho de Plath, buscando compreender suas referências, influências e percepções prévias. É esse público específico que a obra *Johnny Panic* acaba por atrair.

Secretários assistentes de Johnny Panic

Na posição de leitores, apresentamos, então, *Johnny Panic* e a *Bíblia de Sonhos*. O conto, datado do ano de 1958, foi publicado originalmente – como muitos outros –

apenas após a morte de Plath, na revista literária estadunidense *Atlantic Monthly*, em setembro de 1968. Logo, *Johnny Panic* foi escrito cinco anos antes da sua morte, sendo publicado cinco anos postumamente. O conto se baseia no mesmo substrato que o seu único romance, *The Bell Jar*: neles estão situados o seu sofrimento psíquico e a presença do tratamento com eletrochoques. A história apresenta uma trama que incorpora elementos fantásticos, centrada na figura do narrador-personagem, a secretária de um setor psiquiátrico hospitalar. Ela é encarregada de documentar os relatos oníricos dos indivíduos que procuram a instituição para o alívio dos seus sintomas, das suas aflições psíquicas. Nota-se que muitos dos sonhos relatados no enredo são motivados por anotações feitas pela própria autora, que foi datilógrafa, em 1958, na ala psiquiátrica do Hospital Geral de Massachusetts, Boston. Durante esse período, os EUA foram envolvidos por uma atmosfera de paranoia em relação ao avanço comunista, desencadeada pelo sucesso da União Soviética em desenvolver uma bomba atômica de proporções significativas. A sensação de exposição e o temor diante da possibilidade de um fim trágico, aliados aos traumas remanescentes do conflito bélico, permearam a nação, culminando em um estado generalizado e alarmante de pânico.

Uma intérprete de sua vivência, Plath pôde expor o mal-estar circunscrito pelo conflito armado e os impactos que este causou na cultura. Essa escrita que, em suas palavras, funcionava “como água e pão”, é tão essencial que poderia sentir, ao terminar de escrever, “um alívio extraordinário” (Carvalho, 2003, p. 165). “É aí que entra escrever”, nos diz Plath. Escrever como algo “tão necessário para a sobrevivência de minha sanidade arrogante quanto o pão para o corpo” (Plath, 1980/2021, p. 122). É por meio dessa escrita, atravessada pelo discurso sobre si. Que somos apresentados aos sumos sacerdotes de *Johnny Panic* (Plath, 1958/2020, p. 37), descritos como figuras com os braços amarrados nas costas, trajando as camisolas brancas da ala e olhos avermelhados. Uma narrativa confessional enquanto testemunha, outrora interna em hospitais psiquiátricos: Aquela que, aos onze, publica o seu primeiro poema, passa pela primeira tentativa de suicídio aos 20, com o primeiro internamento psiquiátrico.

A teia emaranhada que forma uma “espiral de fios elétricos” também lhe era conhecida. Ao apresentar “o último modelo de Assassina-de-Johnny-Panic”, Plath nos evoca a eletroconvulsoterapia (o “eletrochoque”, como comumente é conhecida a técnica) enquanto um silenciador que visa à eliminação dos sintomas psiquiátricos. Logo, a

eletroconvulsoterapia enquanto uma “assassina” do inconsciente, visto o sintoma ser parte da enunciação que porta o desejo, a singularidade de cada corpo. Ao invés de trabalhar com a possibilidade de fazer emergir tal desejo, oportunizando um lugar de escuta e acolhimento, tal abordagem visa a contenção da diferença; conforme Plath (1958/2020, p. 39) descreve, dos quatro cantos da sala e da porta, figuras vestidas com jalecos cirúrgicos brancos e máscaras têm um único propósito: desautorizar Johnny Panic da sua posição de poder. Não fazer o sintoma falar.

Entre os relatos descritos dos pacientes aos quais a personagem narradora, a secretária de Johnny Panic, nos traz nas páginas do conto, podemos destacar o caso de Harry Bilbo. Harry, interno da ala psiquiátrica, “vivía dia e noite em sagrada adoração a Johnny Panic”, é visto como um “caso de beleza única” na escrita de Plath. Contudo, ela nos relata que “remendeiros de capa branca deram um jeito, todos eles, de convencer Harry a ligar a TV sozinho”, a “abrir as torneiras e portas de armários, portas de casa, portas de bares” até que, “antes de se darem por satisfeitos”, o nosso Harry Bilbo “já conseguia sentar em poltronas de cinema e bancos espalhados pelo Jardim Municipal inteiro”. É o próprio Harry Bilbo que, em suas palavras, se diz “um novo homem” ao final do tratamento psiquiátrico. Harry agora já “levantava pesos todos os dias da semana no ginásio”, mas “a pura luz do Pânico havia desaparecido de sua face”. É esse paciente, extirpado do seu sintoma, que sai do consultório “condenado ao destino mesquinho que esses médicos chamam de saúde e satisfação” (Plath, 1958/2020, p. 32-33).

Como nos indica Quinet (2003, p.120), o sintoma representa uma forma de elaboração singular de cada sujeito, constituindo-se como uma forma única que este encontrou para lidar com a sua posição e existência no mundo. Ocariz (2003, p.137) enfatiza que tal elemento não pode ser separado da constituição do sujeito, uma vez que, embora possa ser trabalhado e transformado no processo analítico, não deve ser eliminado, pois constitui um aspecto essencial de sua estrutura psíquica. Não escutar o sintoma de modo singular é não permitir que ele encontre lugar no mundo daquele que sofre, é não permitir que ele possa apontar novos modos de singularização, novas possibilidades de existência para aquele sujeito. É colocá-lo deitado de costas sobre a maca e, nos diz Plath (1958/2020, p.39), fazê-lo engolir a chamada “hóstia do esquecimento” — uma referência aos medicamentos psiquiátricos que, ao dopar o paciente, podem visar o embotamento do que se emerge como sintomático.

É possível notar que, na condição de escritora-testemunha, a poeta trabalha a sua escrita com a minuciosidade de um geólogo ou arqueólogo, como propõe Rancière (2009, p.38). Ela percorre os meandros da realidade social e, posteriormente, os labirintos da interioridade, recolhendo traços, desenterrando fragmentos e registrando sinais que dão forma e sentido a experiências de um mundo que busca ser compreendido e narrado. O mal-estar, como por ela apresentado, está impregnado nas valas da narrativa e é interpelado em *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930/2021), onde Freud nos relata sobre o sofrer, originado a partir de três fontes distintas: o corpo, que está sujeito ao enfraquecimento e suscetível ao sofrimento e ao medo; o mundo externo, capaz de nos atingir com forças avassaladoras e destrutivas, exemplificado pela ameaça da bomba atômica e, por fim, das relações com o outro, a precariedade dos laços desnudada na fragilidade dos vínculos modernos. A estrutura da sociedade se constrói em uma espécie de renúncia, um sacrifício, com o impedimento da livre satisfação pulsional – erige-se, no laço social, uma censura, uma barreira contra a realização dos desejos mais reprimidos. Tal renúncia resulta em uma sensação persistente de insatisfação, que parece ser uma constante que “governa” a experiência humana: o inescapável mal-estar, manifestado por expressões de sofrimento e angústia intensas, como ilustrado no trecho do conto de Plath (1958/2020):

Bem, daqui do meu lugar, concluí que o mundo é governado por uma coisa e uma coisa só. O pânico com cara-de-cão, cara-de-diabo, cara-de-bruxa, cara-de-puta, o pânico com letras maiúsculas que nem cara tem – é sempre o mesmo Johnny Panic, seja acordado ou adormecido. (p. 19)

Iannini et al. (2021, p. 7) afirma que não importa quantas estratégias, fantasias ou mecanismos de defesa possam ser criados pelos indivíduos e grupos para amenizar a renúncia realizada para a possibilidade da vida social. Sempre irá existir um resto que desestabiliza essa dinâmica, fazendo do mal-estar incontornável graças às pendências do desejo latente suprimido, que não cessa e nos governa, a nível inconsciente. Em Johnny Panic destrincha-se tal angústia e a relação com a falta, com o vazio constitutivo experimentado com novas roupagens pelo sujeito na era pós-industrial. Plath (1958/2020)

relata como avanços tecnológicos, que teoricamente promoveriam segurança e comodidade, acabam como motores que promovem a inquietação:

Hoje em dia muitas pessoas sonham que são esmagadas ou devoradas por máquinas. São aquelas figuras que não andam de metrô nem de elevador. Quando volto do meu horário de almoço no refeitório do hospital, muitas vezes passo por elas, ofegantes, subindo as escadas encardidas para chegar ao nosso consultório no quarto andar. Às vezes me pergunto que sonhos as pessoas tinham antes de os rolamentos e os moinhos de algodão serem inventados. (p. 21)

Logo, os indícios da influência do texto psicanalítico, como A Interpretação dos Sonhos (Freud, 1900/2019) no conto vão para além do próprio título, atrelado a vocação da narradora-personagem em relação a coleta e trato do material onírico que lhe chega através dos relatos narrados pelos pacientes que chegam a ela nessa triagem clínica da recepção. A própria Plath (1958/2020, p. 31) oferece indícios sobre o conjunto de referências que atravessam sua obra ao mencionar, de forma crítica e irônica, aqueles que vieram antes dela na tarefa de recolher sonhos — figuras descritas como homens de olhar profundo e barbas espessas, bem como seus sucessores contemporâneos, vestidos de branco em consultórios sofisticados, com sofás de couro. Segundo a autora, esses coletores de sonhos teriam motivações essencialmente pragmáticas, centradas nos interesses de saúde e dinheiro, revelando, assim, uma tensão entre a dimensão simbólica dos sonhos e sua apropriação por discursos normativos.

“Saúde e dinheiro, dinheiro e Saúde”: Psiquiatria e psicanálise

É importante datar a época na qual o conto – e tal trecho anteriormente grifado – se insere. O contexto experienciado por Plath retrata uma temporalidade histórica na qual a psiquiatria ainda era muito influenciada pela psicanálise. Ao ressaltar no conto um determinado setor, nomeado como setor do Sistema Nervoso, demarca que mesmo localizando-se em uma sala logo ao lado da secretária de Johnny Panic (Plath, 1958/2020, p. 24), atenta aos relatos de cada sonhador, o primeiro representa uma faceta mais mecanicista, biologizante e desumanizada frente aos transtornos mentais, evidenciando a frieza do campo psiquiátrico em suas intervenções predominantemente focadas no que

lhe é observável. Marcada por práticas de controle e contenção, elenca-se um corpo a ser disciplinado, domesticado, ao invés do acolhimento, respaldado na complexidade da experiência do sofrimento mental.

De fato, os psiquiatras contemporâneos à Plath eram, em certa medida, herdeiros de Freud. Ao mesmo tempo, sabemos, como insistiu Lacan no Seminário I (1939-1954), que os herdeiros de Freud traíram o seu texto ao tentar domesticar a psicanálise no interior da abordagem psicodinâmica e da psicologia do ego; não queriam mais saber de Johnny Panic, desse “Zé Ninguém” ignorado pelo outro: o inconsciente. Jacques Lacan, por meio de seu ensino, resgatou a invenção freudiana do limbo, destacando uma das descobertas mais significativas do século XX: o inconsciente. Marco Antonio Coutinho Jorge (2022, p.17) assim destaca a relevância da psicanálise ao situá-la como uma das grandes rupturas na história do pensamento ocidental. Também em um retorno a Freud, ele observa que, tal como Copérnico desfez a ilusão da Terra como o centro do cosmos e Darwin desestabilizou a posição privilegiada do ser humano na natureza, a psicanálise promove um terceiro abalo, ao evidenciar que o sujeito não detém pleno controle sobre si mesmo — revelando que o eu é atravessado por forças inconscientes que lhe escapam o domínio.

Em “Nome-de-um-suposto-Freud”, seus discípulos – “herdeiros contemporâneos com capas brancas e consultórios” anunciados por Plath (1958/2020, p. 31) – reduziram a prática da psicanálise a uma aliança terapêutica, onde o Eu, como denunciou Lacan (1979/2009, p. 25) no início de seu ensino, torna-se a única via de acesso para a construção do saber. Desta forma, esqueceram a pedra angular da prática freudiana, que é a associação livre, via pela qual se faz o inconsciente falar – posto a trabalho – no âmbito de uma análise. Retornar a Freud foi necessário para situar uma questão fundamental: “O que fazemos em nossa prática quando o analisando nos coloca no lugar de analista?”, isto é, no lugar de sujeito-suposto-saber, que deveria orientar a prática de todo psicanalista, visto a psicanálise ser o discurso que coloca o saber no lugar da verdade (Lacan, 1988/1997).

Trata-se do saber sobre a singularidade no próprio ato da palavra falada. Conforme relata a secretária-assistente de Johnny Panic (Plath, 1958/2020, p.19), “As pessoas só vêm ao nosso consultório quando têm problemas”. Mas que tipo de problemas são esses? São dificuldades que não podem ser identificadas de maneira uniforme, como via testes de Wassermann ou Wechsler-Bellevue, citados no conto. Tratam-se de questões que

ultrapassam os limites dos instrumentos tradicionais de avaliação psicológica, não enquadráveis. Se não tivermos em mente que o retorno a Freud é um ato que deve ser repetido contemporaneamente, com a psicanálise renascendo diariamente a partir desse novo retorno – impulsionado com as novas demandas clínicas de nosso tempo –, o nosso pensamento recai nesse dogmatismo. Conforme nos aponta Jorge (2022, p.14), os silenciamentos operados pelo pensamento ideológico silenciam a particularidade da experiência subjetiva, oferecendo uma resposta que encerra a singularidade da questão que se coloca. “Johnny Panic confere a esse trabalho um elemento poético que não se encontra por aí. E por isso eu lhe serei eternamente grata”, diz Plath (1958/2020, p. 26), nos ajudando a pensar que a vitalidade da psicanálise depende dela não se tornar uma intrincada armadura teórica afastada da experiência clínica, da escuta do sujeito em análise, a partir da qual sua teoria se fundou e da qual ela continua retirando sua força.

Nenhuma de nossas ações, escolhas, tendências ou desejos escapa à ação do inconsciente, o que faz com que a fronteira tão rígida entre normal e patológico, construída outrora pelo saber psiquiátrico, se torne algo tênue. A psicopatologia é observada por Freud de modo paradoxal, nos diversos âmbitos do cotidiano, que discorre ainda que a importância da psicanálise decorre primordialmente de suas relações com a vida psíquica normal, e não com a patológica, sendo a descoberta da interpretação dos sonhos o que revela tal fato, com os sonhos correspondendo a genuínas produções patológicas, que podem surgir regularmente nas condições de saúde (Freud, 1924/2011, p. 235). Tal qual a secretária de Johnny Panic, Lacan (1981/1992) nos irá argumentar que o psicanalista também precisa saber secretariar, ao dizer que este deve assumir, de maneira deliberada, a função de secretário do sujeito em sofrimento psíquico — posição que era frequentemente desprezada e vista pelos alienistas como um sinal de impotência. Para Lacan, ao contrário, é justamente ao escutar com atenção literal o discurso do alienado — em vez de \square olocar \square e-lo ou distorcê-lo — que o analista pode acessar o valor pungente, clínico e estrutural desse material. Temos a elaboração de uma crítica a distância adotada por aqueles que, ao evitarem tal escuta rigorosa, enfraqueceram a riqueza do conteúdo que lhes era apresentado.

Mesmo que o legado de Sigmund Freud tenha obtido, ao longo dos anos de sua difusão, desvios teórico-práticos, incongruentes com o pensamento do seu criador, Lacan evidencia que os fatores mais responsáveis pela desfiguração desse pensamento seriam a

medicalização e a psicologização da teoria e da prática psicanalítica, sem tomarmos “ao pé da letra”, o que o alienado nos conta. Em prenúncio, Freud em “A questão da análise leiga” (1926) tematiza sua crítica à restrição, imposta pelos norte-americanos, do exercício da psicanálise aos médicos, e que aparece no conto, descrito pela personagem como aqueles que, dia após dia, buscam apropriar-se dos sujeitos que outrora pertenciam ao domínio de Johnny Panic (Plath, 1958/2020, p. 31). São esses que persistem em tentar retirar, do sujeito do inconsciente, o que é o ouro visceral em Plath. A poeta compara os procedimentos que pretendem extirpar o mal-estar através de intervenções situadas em busca de uma cura com uma espécie de lavagem gástrica espiritual. Sinaliza-se uma imagem que denuncia a purgação higienista imposta ao sujeito que se desvia da norma, intentando-se limpar o inconsciente e apagar o sintoma com procedimentos tão invasivos quanto simbólicos e clinicamente cegos.

Ao descrever aqueles que escutam os relatos oníricos de um lugar ligado à cura e ao lucro, Plath (1958/2020, p. 31) novamente traz o seu parecer sobre os profissionais da psiquiatria tradicional de sua época, explorando uma leitura onde o sonho parece possuir um valor de ajuste à norma ou de conformação a padrões de comportamento esperados, perdendo completamente seu valor desejante e subversivo, característico do sujeito da psicanálise. A psicanálise distingue-se dessa lógica predominante nos setores médicos observada pela autora (1958/2020, p. 23-24), que “se assemelham muito uns aos outros”, porém “nenhum é como o nosso”. Isso se deve ao fato de que o psicanalista lida com um processo *sui generis*, não padronizado.

Essa perspectiva crítica à psiquiatria dominante, a qual a autora conhecia bem, seja profissionalmente, seja como paciente psiquiátrica, dialoga com as críticas pronunciadas por Freud, mas rechaçadas pelos pós-freudianos. Jorge (2022, p.25) situa que tal ato fez com que, híbrida da medicina e da psicologia, a psicanálise viesse a se transformar em uma prática clínica voltada à mera adaptação do sujeito às normas sociais vigentes. Perdendo o seu caráter subversivo e questionador da normalidade instituída, a psicanálise inscreve-se na psicologia geral e, em Plath (1958/2020, p. 33), no “destino mesquinho que esses médicos chamam de saúde e satisfação”. Tal como no conto, na contemporaneidade, em “dias em que espaço é compartilhado” entre a psicanálise e os demais saberes, “o contraste entre nós e os outros setores fica evidente” (Plath, 1958/2020, p. 24), no que concerne a compreensão do que é o sujeito. Embora, sobretudo

nas instituições de saúde, a psicanálise possa vir a se deparar com interferências, questionamentos e obstáculos impostos por outros setores, já mencionadas por Plath (1958/2020, p. 25), o trabalho psicanalítico segue em curso, onde a atuação está para muito além de se reter a anotar o relato imediato do paciente — aquele momento em que diz “Tive um sonho” —, envolvendo uma posição de onde se escuta.

De Freud a Johnny Panic, uma bíblia de sonhos

Há diferentes maneiras pelas quais o desejo de cada um de nós, ainda que suprimido pela censura cotidiana, se realize no inconsciente. Uma das chances dessa realização de ganho de prazer imediato se dá simbolicamente, de maneira deformada, através dos sonhos. Contudo, o sonho é um rébus, uma espécie de enigma, cujo Freud estipularia que é necessário entender literalmente. Ora, o sonho seria, então, uma frase? Como ela é elaborada? Nas palavras de Freud (1900/2019, p.350), “os dois mestres artesãos a cuja atividade podemos atribuir essencialmente a forma do sonho”, ou seja, de tal frase, seriam o deslocamento e a condensação. O objetivo da condensação (*Verdichtung*) é sobrepor cada um desses elementos oníricos – que não dialogam –, à própria revelia, em apenas um signo. Lacan (1957/1998, p. 515), ao tomar o inconsciente freudiano estruturado como linguagem, compreende a condensação a partir da figura da metáfora, com um significante sobre o outro (sobrepostos), indicando a mesma natureza – o mesmo efeito de significação – da poesia. Um significante pode, no sonhar, significar várias coisas. O deslocamento, lido como a metonímia, transporta a significação, sendo o meio mais adequado do inconsciente ludibriar a censura, transferindo o afeto, ou uma representação, do significante original para outro, possibilitando uma ilustração atenuada – e aceita – pela censura no sonho.

Mesmo em meio a paisagens oníricas inquietantes — como uma superfície lacustre povoada por cobras, cadáveres inflados, embriões humanos conservados em frascos —, manifestam-se as múltiplas e fragmentadas mensagens do inconsciente que habitam os sonhos da datilógrafa de Johnny Panic (Plath, 1958/2020, p. 23). Esses conteúdos, por mais absurdos ou simbólicos pareçam, participam do trabalho de figurabilidade, em que o desejo inconsciente se expressa por meio de encenações e imagens vívidas. Entre essas figuras, transitam desde criaturas fantásticas como um

Homem-Aranha vindo de Marte até representações mais melancólicas e realistas, como o rosto de um amante eternamente de costas, indiferente a pactos ou promessas.

Como significante e significado, é importante frisar que Lacan serve-se do signo linguístico de Saussure, de modo a *coloca-lo* em uma mudança conceitual, indicando que o significante pode ser entendido como o que abre o sentido para a fluidez, o que “desliza” na fala do sujeito – e é o que interessa à psicanálise: a prevalência do significante em relação ao significado. O significante, assim, faz parte de nossa constituição. É despido de conteúdo, possibilitando a falta, o vazio. É a partir dele que se dá a produção de sentidos e valores, independentes do referente. Partindo da leitura lacaniana, as imagens do sonho têm valor de significante e, como tal, nada têm a ver com o significado: Se articula e se analisa o significante no discurso.

Até a teoria formulada por Freud – que parte da sua prática clínica -, todas as outras formas de lidar com os sonhos partiam do seu conteúdo manifesto – dado na memória, que é o sonho que pode ser lembrado e relatado – e se esforçaram para obter, deste, a interpretação. Quando não tentavam uma interpretação, buscava-se formar um juízo sobre o sonho a partir do seu conteúdo (Freud, 1900/2019, p. 318). A psicanálise, por sua vez, seria a única a considerar algo diverso, pois entende que há um novo material psíquico que se insere entre o conteúdo do sonho e os resultados da observação do analista: o conteúdo latente do sonho ou pensamentos oníricos (inconsciente, que provoca o sonho), sendo estes obtidos através da análise. É com base nestes, e não no conteúdo manifesto do sonho, que se desenvolve o que Freud (1900/2019, p. 318) toma por solução do sonho. Como desabafa a secretária de Johnny Panic (Plath, 1958/2020, p. 25) sobre o seu ofício, de não só restringir-se a datilografar os sonhos dos pacientes que lhe chegam para sanar prontuários, há um empenho árduo e contínuo em extrair sentidos de qualquer sonho que venha à tona. Ela reconhece, nesses relatos, a presença de marcas singulares — uma espécie de assinatura subjetiva — reveladas em detalhes sutis. Ou seja, além dos diversos conteúdos manifestos (aquilo do qual se consegue relatar a respeito) pelo sonhador em sua análise, há também o que revela que todo o trabalho onírico traz a marca inconfundível da engenhosidade de Johnny Panic, como se fosse obra exclusiva de sua criação: o conteúdo onírico latente; aquilo que aparece deformado, produzindo naquele que sonha a ininteligibilidade, a estranheza, o infamiliar (das *unheimliche*) tratado por Freud como “uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há

muito íntimo” (Freud, 2020, p. 33). Em Freud, lido a partir de *O Homem de Areia*, de E.T.A. Hoffmann. Aqui, como Johnny Panic, de Sylvia Plath.

Na experiência analítica, confronta-se um Johnny Panic descrito por Plath (1958/2020, p. 25) como astuto, perspicaz e veloz — uma personificação das forças inconscientes que resistem à elucidação e que, paradoxalmente, tendem a se manifestar com uma frequência inesperada. Nesse cenário, o analista assume uma posição semelhante à da secretária-assistente de Johnny Panic, engajando-se na tarefa exigente de trazer à tona o conteúdo onírico, arrancando-o de seu abrigo silencioso “debaixo da língua” e conduzindo-o à superfície da palavra. Mas o que primeiro percebe-se, ao comparar o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos, é que foi realizado um trabalho ao qual Freud denomina de “condensação” — uma superposição. Freud (1900/2019, p. 319) caracteriza o sonho como “conciso, pobre, lacônico”, em comparação ao volume e à riqueza dos pensamentos oníricos. Ainda apresenta que o registro dos sonhos ocupa meia página, enquanto a sua análise demanda maior complexidade. Além disso, mesmo diante de uma interpretação aparentemente coerente e sem lacunas, não se pode assegurar sua totalidade, já que sempre há a possibilidade de emergirem novos significados latentes a partir do mesmo material onírico.

Podemos assim afirmar uma condição que precisa ser satisfeita para que os elementos se introduzam no sonho: eles têm de escapar à censura da resistência (Freud, 1900/2019, p. 351), o que aparece, em Plath (1958/2020, p. 31), onde para ser um membro da congregação de Johnny Panic é essencial esquecer o sonhador e dar atenção exclusiva ao sonho em si. Como demonstrado, o intuito da interpretação dos sonhos nunca foi de esgotar sua decifração pela via do sentido — o que encontra consonância com a personagem de Plath (1958/2020, p. 23), que destaca a singularidade do sonho, narrando-o como pessoal e exclusivo, impossível de ser registrado em qualquer livro de casos clínicos. É o psicanalista, no entanto, que vai trabalhar com o sonho no que este indica o desejo e a posição do sujeito na fantasia inconsciente. Diz Plath (1958/2020, p. 23) que, aliás, “a rotina do nosso consultório é muito diferente da rotina da Dermatologia, por exemplo, ou da Oncologia” exatamente por isso. Foi em seu esforço de interpretar os sonhos e de estabelecer um método de leitura do material onírico, nos ressalta Iannini (2014, p.219), que Freud formulou e sistematizou a teoria do inconsciente. Gradualmente,

começamos a perceber que os sonhos de Plath (1958/2020) são, de fato, a via régia para o inconsciente, essa “água” que podem chamar do que quiserem, inclusive de:

Lago Pesadelo, Brejo da Loucura, mas é aqui que as pessoas adormecidas se deitam e se reviram juntas em meio aos acessórios de seus piores sonhos, numa grande irmandade, embora cada uma delas, quando acordada, veja a si mesma como singular e completamente isolada (p. 23).

O sonho, dessa forma, pode ser entendido como um esforço de elaborar algo para o qual não se dispõem repertório, pois se esquematiza o novo a partir do já conhecido. Ainda que cada sujeito, ao sonhar, se encontre imerso em um contexto social compartilhado — envolto nos elementos simbólicos que compõem os cenários de seus pesadelos, formando uma espécie de grande irmandade onírica —, ao despertar, retorna à percepção de si como um ser único e profundamente isolado em sua experiência subjetiva. Se compreendidos como uma via régia para o inconsciente, o que tais conteúdos oníricos infamiliars ainda poderiam evocar das questões de nosso tempo, mediado pelo mal-estar do nosso próprio contexto atual?

Propõem-se, neste estudo, a leitura dos sonhos como produtos singulares, como a própria Plath (1958/2020, p. 21) o faz no conto Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos, adotando em sua narrativa a peculiaridade de reconhecer os indivíduos pelos sonhos que relatam. Segundo a autora, as manifestações oníricas revelariam traços de singularidade mais marcantes do que o próprio nome de batismo, evidenciando-se a valorização da dimensão subjetiva como via de identificação. Considerando-se ainda que, em períodos de turbulência e crise social, o aspecto coletivo do sofrimento psíquico pode se manifestar de forma mais evidente na formação do sonho. Plath (1958/2020, p. 21) continua a oferecer subsídios à reflexão ao indagar-se sobre quais seriam os conteúdos oníricos das pessoas antes da invenção dos rolamentos e dos moinhos de algodão sugerindo, com isso, que os sonhos não estão dissociados do contexto histórico em que se produzem, tampouco de certas formas recorrentes que os caracterizam em cada época. Para a psicanálise, o sujeito não é e não será uma entidade isolada, um átomo indiviso e coeso.

Na análise do sonho, Freud pretende dar-nos outra coisa senão as leis do inconsciente em sua extensão mais geral. Lacan (1957/ 1998, p. 518) nos diz que uma

das razões pelas quais o sonho foi mais propício a isso está em que ele não é menos revelador dessas leis no sujeito normal do que no neurótico. Em ambos os casos, a eficiência do inconsciente não se interrompe quando acordamos em nossa cama. A experiência analítica não é outra coisa senão estabelecer que Johnny Panic não deixa fora de seu reino nenhuma de nossas ações. Plath (1958/2020, p. 19) nos avisa que “é sempre o mesmo Johnny Panic, seja acordado ou adormecido”. Isso não cessa de querer se manifestar.

Conclusão

As narrativas podem trazer em seu cerne mais intrínseco algo ininteligível, intraduzível, incompreensível. Estranho. Infamiliar. Ao debruçar-se sobre o texto, narrador e leitor são convidados a ficar em alerta: há em cada palavra um risco. Um enigma. Um dilema. Expostos ao texto, seja relatando uma experiência, seja lendo-a, cada qual se relaciona consigo mesmo em busca de sentidos, de entendimentos, ou ainda de novas paisagens, novas metáforas (Baldin, 2023). No diálogo com o conto de Plath, tal relação não escapa de ter, às estranhas, a leitura como escrita, o que resulta e justifica a própria elaboração acadêmica, permeada tanto pelo infamiliar freudiano, inerente à narrativa, quanto pela motivação do próprio desejo no encontro com *Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos*.

O presente estudo, portanto, não se propôs a submeter o texto a uma leitura psicanalítica no sentido tradicional de □olo-lo “no divã”, mas partiu da premissa de que determinadas obras literárias ultrapassam seu tempo por conterem elementos essenciais à leitura do porvir — tal como propõe Acioli (2021, p. 10), ao afirmar que, embora inúmeros textos sejam produzidos ao longo da história, apenas alguns atravessam os séculos, justamente por conservarem em si códigos fundamentais para a compreensão do futuro. Lacan (2001, p. 200) também não deixaria de nos lembrar dos princípios da estética freudiana: “que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho”. A literatura, enquanto uma forma de manifestação artística, exerce um papel simbólico de sutura sobre a experiência do vazio existencial — um vazio inerente, que resiste ao tamponamento definitivo —, funcionando como um recurso ou contenção frente à falta estrutural que nos atravessa, como nos sugere Passeron (2001, p.11).

Em uma possível leitura de *Johnny Panic*, senhor dos sonhos, como o inconsciente, marcado pelo mal-estar, pretendeu-se, tal como a personagem-narradora, a secretária, destacar a especificidade do sonhador, enquanto sujeito. Ainda que muitos lidem, às urgências do neoliberalismo, com as estatísticas, o psicanalista – e a personagem do conto – trabalha com sonhos, mesmo que, assim como ela, muitas “circunstâncias não são nada adequadas” para que nos dediquemos calmamente à tal arte (Plath, 1958/2020, p. 29). Conforme argumenta Sousa (2021, p. 329) vemos que, mais uma vez, o artista e o psicanalista podem juntos interpelar as lógicas de significação instituídas, buscando criar furos nas formas densas do que moldam o mundo e os sintomas, propiciando que se emerjam significados e imagens novas. Freud dedicou-se a essa exploração, cabendo à responsabilidade do próprio fazer psicanalítico prosseguir com esse audacioso empreendimento.

Referências

- Acioli, S. (2021) As frutas estranhas e vibrantes. In: Woolf, V. (2021) *Um quarto só seu & três ensaios sobre as grandes escritoras inglesas: Jane Austen, George Eliot, Charlotte e Emily Brontë*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- Almeida, A. P. de A., Ferraz, L. (2024). *Poemas de Amor no Divã*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Amaral, A. C. (2024). Prefácio. In: Almeida, A. P. de A., Ferraz, L. *Poemas de Amor no Divã*. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Atwood, M. (2020). Prosa de poeta. In: Plath, S. *Johnny Panic e a bíblia de sonhos e outros textos em prosa*. (pp. 13-16). Rio de Janeiro: Biblioteca Azul. (Original publicado em 1979).
- Baldin, T. (2023). *Narrar o mundo: Enlaces entre a psicanálise e a narrativa*. 19 ago. 2023. Apresentação do Powerpoint. 54 slides.

- Carvalho, A. C. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath*. Minas Gerais: Editora UFMG.
- Freud, S. (2019). *Obras completas volume 4: A Interpretação dos Sonhos*. (Vol. 4, pp. 155-640). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, S. (2021) *Obras incompletas de Sigmund Freud: Cultura, Sociedade, Religião. O Mal-Estar na Cultura e outros escritos*. (Vol. 4, pp. 155-640.). São Paulo. (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (2012) O Interesse da Psicanálise. In: FREUD, Sigmund. (1912-1914) *Obras completas volume 11: Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. (Vol.11, p. 359). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (2020). O Infamiliar [Das Unheimliche] (1919). In: Freud, S. (2020). *Obras Incompletas de Sigmund Freud – O Infamiliar e outros escritos*. (Vol. 8, p.27-127). Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2011). Resumo da Psicanálise. In: Freud, S. (1923-1925) *Obras completas volume 16: O Eu e o ID, “Autobiografia” e outros textos*. (Vol. 16, pp. 222-25). São Paulo: Companhia das Letras. (Originalmente publicado em 1924).
- Guadalupe, A. (2020). [Orelha do livro]. In: Plath, S. *Johnny Panic e a bíblia de sonhos e outros textos em prosa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- Iannini, G.; Tavares, P. H. (2021). Apresentação - Para ler o mal-estar. In: Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud - O mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 7-31). Belo Horizonte: Autêntica.

- Iannini, G. (2024). Parte IV: Sonhos que interpretam o século. In: Iannini, G. (2024). *Freud no século XXI. Volume I - O que é Psicanálise?* (pp.219-244). Belo Horizonte: Autêntica.
- Jorge, M. A. C. (2022). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: As bases conceituais*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Zahar.
- Kukil, K. (2021). Prefácio. In: Plath, S. *Os Diários de Sylvia Plath (1950-1962), transcritos dos manuscritos originais do Smith College*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Lacan, J. *Escritos*. (pp. 496-536). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1957).
- Lacan, J. (2009). *O seminário. Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1979).
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1981).
- Lacan, J. (1997). *O seminário. Livro 7: A ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Originalmente publicado em 1988).
- Ocariz, M. C. (2003). *O sintoma e a clínica psicanalítica*. São Paulo: Via Lettera.
- Quinet, A. (2003). *A descoberta do inconsciente: Do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2 ed. (Originalmente publicado em 1951).
- Passeron, R. (2001). Por uma psicanálise poiética. In: Sousa, E., Tessler, E., Slavutzky, A. *A invenção da vida - Arte e Psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Plath, S. (2020). Johnny Panic e a Bíblia de Sonhos. In: Plath, S. *Johnny Panic e a bíblia de sonhos e outros textos em prosa*. (pp. 19-40). Rio de Janeiro: Biblioteca Azul. (Original publicado em 1958).

Plath, S. (2021) *Os Diários de Sylvia Plath (1950-1962), transcritos dos manuscritos originais do Smith College*. São Paulo: Biblioteca Azul. (Original publicado em 1980).

Rancière, J. (2009). *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34.

Sousa, E. L. A. de. (2021). Posfácio - Faróis e Enigmas: Arte e psicanálise à luz de Sigmund Freud. In: Freud, S. (2021) *Obras Incompletas de Sigmund Freud - Arte, Literatura e os artistas*. (pp.317-33), Belo Horizonte: Autêntica.